

ENTREVISTA Lino de Albergaria

“No começo, não sei no que vai dar”

Escritor mineiro revela como é seu processo criativo e fala sobre o prazer de escrever para jovens e adultos

O novo livro do escritor mineiro Lino de Albergaria será lançado nesta sexta, dia 29, na Livraria Quixote (Rua Fernandes Tourinho, 274 – Savassi). “O homem delicado” é o quinto romance do autor e apresenta a história de Lauro, um homem que decide tecer uma narrativa autobiográfica para resgatar as lembranças de sua trajetória.

Formado em Letras e em Comunicação, Lino de Albergaria se especializou em editoração para unir as duas carreiras. Hoje, é reconhe-

cidamente um dos autores mais relevantes do gênero infanto-juvenil no Brasil, com mais de 80 títulos publicados, apesar de também se enveredar por outros caminhos, como os romances adultos.

Em entrevista ao JORNAL DA CIDADE, Lino conta detalhes de seu processo criativo e também revela suas inspirações e os desafios da profissão de escritor. Confira:

JORNAL DA CIDADE Durante sua graduação e pós-gra-

duação, você se especializou em editoração infantil e em comunicação. Como a literatura surgiu na sua trajetória? Essa dupla formação contribuiu de alguma forma em sua escrita literária?

LINO DE ALBERGARIA Na verdade, enquanto estudei Comunicação, fiz ao mesmo tempo Letras na minha graduação. A especialização em editoração em Paris foi um modo de juntar as duas carreiras. Nos estágios profissionais na França, descobri os livros para crianças. Lá

também escrevi, para uma revista belga, meus dois primeiros contos para leitores jovens.

Seus principais títulos são voltados para o público infantojuvenil, apesar de você possuir outros romances publicados. Como surgiu a necessidade de escrever para um público mais maduro?

A literatura infantojuvenil surgiu por acaso. Eu não esperava que desse tão certo, mas era um momento muito favorável, de grande expansão do gênero no País. Eu já escrevia para adultos. Tinha publicado contos em revistas e suplementos, trabalhos esparsos. Com o romance, vivi o desafio de criar textos que, além de maior fôlego, permitiam que eu fizesse experiências formais, explorando narrativas mais abertas e com uma liberdade temática maior.

Quais suas principais referências literárias?

Nos textos infantis, inegavelmente Monteiro Lobato, mestre na mistura entre fantasia e realidade. Outro autor ligado à área que me fascina é Lewis Carroll. Na literatura brasileira, fui um leitor apaixonado de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Pelo mundo, me encantaram sobretudo Borges, Doris Lessing e Lawrence Durrell.

Como é o seu processo de criação? De onde surgiu a inspiração para “O homem delicado”?

Tenho uma ideia geral, que vou colocando livremente no papel. No começo, não sei no que vai dar. Deixo fluir a narrativa, ou permito que o inconsciente se expresse na primeira versão. Depois, trabalho muito. Reviso, reescrevo, saio em busca de um título, que, quase sempre, é o fecho do trabalho. Quanto a “O homem delicado”, primeiro pensei em um personagem que tivesse um irmão gêmeo, mas com a forte consciência de sua identi-

dade. O livro foi se armando através de imagens diferentes e aleatórias, como na montagem de um quebra-cabeças, na busca de uma cena final. Outra inspiração foi o jogo de percepções de um caleidoscópio. A delicadeza que o personagem evoca é a constatação de que o mundo é cada vez menos gentil, mais competitivo, egoísta, agressivo. Meu herói internalizou valores que estavam presentes no século passado: paz, empatia, respeito pelo outro.

Além dos livros publicados, você também já trabalhou com tradução e produção de livros didáticos. O que considera mais desafiador?

Traduções e livros didáticos foram demandas do mercado. Você tem de estar preparado e atualizado para enfrentá-las, mas não existe tanto empenho criativo. Literatura é muito mais prazeroso e também mais arriscado. Você tem responsabilidade total pelo resultado.

Seus primeiros romances para o público adulto tiveram grande repercussão e reconhecimento. Qual é a sua expectativa para a recepção do público e da crítica para “O homem delicado”?

Não crio grandes expectativas, porque posso me frustrar se elas não acontecerem. O mais importante é encontrar leitores que me compreendam, que sejam tocados pela minha vontade de falar com

eles, já que participamos de uma época marcada pelo mesmo espírito do tempo, que nos permite partilhar ou reconhecer experiências e sentimentos.

Você começou a escrever para o público infantojuvenil nos anos 1980. O público de leitores que você formou continua te acompanhando?

Meu controle desse aspecto é precário, mas leitores que nunca conheci pessoalmente ainda permanecem em contato. São criaturas de extrema delicadeza.

Quais são os maiores desafios para os autores brasileiros?

Não sabemos, num momento de grandes incômodos envolvendo os relacionamentos interpessoais e de tanta dependência tecnológica, aonde nos levarão as mudanças em curso. Como será o leitor do futuro? Que importância o mundo dará à literatura? Acho que ela permanece, apesar dos percalços, pois está firmemente enraizada no espírito humano, sedento de símbolos, de imagens e de histórias.

O que você tem lido recentemente?

Dois belos livros de contos escritos por duas excelentes autoras: “O foco das coisas e outras histórias”, de Ana Cecília Carvalho, e “Pão mofado e outros babados”, de Madu Brandão.



FOTOMARCELO ROSA

Saúde, tecnologia,
moda, cultura,
decoração, imóveis,
turismo, veículos,
classificados,
reportagens especiais

E muito mais no melhor semanário de BH!

Aos sábados, nas principais ruas e avenidas da cidade pra você.

